

TIMOTHY L. DANE

ISAÍAS 1-39



chamada



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

TIMOTHY L. DANE

ISAÍAS 1-39

TRADUÇÃO
JOSÉ FERNANDO CRISTÓFALO

1ª EDIÇÃO
2024



chamada

Isaiah: The Lord Saves
Copyright © 2022 by Timothy L. Dane
Published by Kress Biblical Resources
The Woodlands, TX 77393
www.kressbiblical.com

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2023 por Chamada
1ª Edição – Julho/2024

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *José Fernando Cristófal*

Preparação: *Débora Steiger*

Revisão: *Josemar de Souza Pinto*

Capa e projeto gráfico: *Filipe Spitzer Landrino e
Rômulo Spier do Nascimento*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas do texto bíblico da Nova Almeida Atualizada, NAA © Sociedade Bíblica do Brasil, 2017. Usado com permissão. www.sbb.org.br

Passagens da Escritura marcadas como NVI foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como ARA foram extraídas da Tradução de João Ferreira de Almeida – 2ª Versão Revista e Atualizada®, copyright © 1993 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como ACF foram extraídas do Texto bíblico Almeida, Corrigida, Fiel (ACF), copyright © 1994, 1995, 2007 por Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, Trinitarian Bible Society. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai
CEP: 90830-000 – Porto Alegre/RS
Fone: (51) 3241-5050
www.chamada.com.br
pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

D179 Dane, Timothy L.
Isaías 1–39 / Timothy L. Dane ; tradução José Fernando
Cristófal. — 1. ed. — Porto Alegre : Chamada, 2024.
488 p. ; 21 cm.

“Tradução de: *Isaiah: The Lord Saves*”
ISBN 978-65-89505-41-9

1. Isaías, Profeta. 2. Bíblia. A.T. Isaías – Comentários. 3. Bíblia. A.T. Isaías – Crítica, interpretação, etc. 4. Estudos bíblicos – Compêndios. I. Título.

CDD23: 224.1077

SUMÁRIO

Introdução	7
1. Mensagens de julgamento e de salvação a Jerusalém e a Judá (1.1–6.13).....	27
2. Mais mensagens de julgamento e de salvação a Jerusalém e a Judá (7.1–12.6)	107
3. Mensagens de julgamento e de salvação às nações (13.1–23.18)	189
4. Mensagens de julgamento e de salvação a todo o mundo (24.1–27.13).....	301
5. Confie na carne e você falhará (28.1–35.10).....	343
6. Confie em Javé e prospere (36.1–39.8)	419
Índice de textos bíblicos	463

INTRODUÇÃO

Considera-se que Isaías é “o maior dos Profetas Maiores e, possivelmente, o maior de todos os profetas”.¹ Isaías é a terceira maior obra literária completa na Bíblia, superada apenas por Jeremias e Salmos.² No Novo Testamento, além de inúmeras alusões, o livro de Isaías é citado diretamente cerca de 65 vezes (apenas Salmos fornece mais profecias ou alusões messiânicas). Como escreveu Grogan:

A ignorância quanto a qualquer parte das Escrituras é deplorável, porém é ainda mais deplorável com um livro que fornece uma apresentação tão múltipla de Cristo [...] uma visão dele que é sobremodo majestosa e tocante, na qual os contextos praticamente desconhecidos de passagens populares inundam de luz as próprias passagens.³

Essas verdades nos lembram da importância de um significado contextual dos profetas em seu próprio cenário, caso o nosso desejo seja obter uma interpretação adequada do Novo Testamento. Muitos autores também reconhecem que, em Isaías, a “grandeza literária é inigualável”, a abrangência de suas discussões é “ímpar” e sua “visão de

1 Herbert M. Wolf, *Interpreting Isaiah* (Grand Rapids: Zondervan, 1985), p. 11.

2 G. W. Grogan, “Isaiah”, *The Expositor’s Bible Commentary*, ed. Frank E. Gaebelin, vol. 6 (Grand Rapids: Zondervan, 1986), p. 3.

3 *Ibid.*, p. 3-4.

Deus é incomparável”.⁴ Grogan exalta o estilo literário do livro de Isaías:

Uma pesquisa em todo o livro revela a elevada qualidade literária de grande parte de seu conteúdo – em seu estilo poético, na maneira maravilhosa pela qual pensamento e linguagem estão em harmonia entre si, no abundante e, ainda assim, não excessivo uso de dispositivos como assonância e quiasma, bem como o uso de analogia e antropomorfismo.⁵

Os dispositivos literários dos quais Isaías lança mão incluem aliteração, assonância, jogo de palavras, hipérbole, quiasma, *inclusio*, personificação, bem como inúmeras formas de simbolismo.⁶ Assim, vemos que Isaías é uma obra-prima literária.

O primeiro foco deste comentário estará centrado em cinco questões introdutórias: (1) autoria; (2) data e contexto histórico; (3) principais temas teológicos e propósitos; (4) lições iniciais para aplicação e (5) uma sugestão de esboço.

4 John N. Oswalt, *The Book of Isaiah: Chapters 1-39*, The New International Commentary on the Old Testament (Grand Rapids: Eerdmans, 1986), p. 3.

5 Grogan, “Isaiah”, p. 10.

6 Wolf, *Interpreting Isaiah*, p. 51-69.

Autoria

Em hebraico, o nome Isaías significa “Javé é salvação” ou “Javé salva”, uma denominação adequada para um profeta que fala tanto sobre a salvação que Javé traz ao seu povo.

Archer explica: “Suficientemente apropriado, o tema básico da mensagem de Isaías é que a salvação é concedida somente pela graça, pelo poder de Deus, o Redentor, não pela força do homem ou pelas boas obras da carne”.⁷ Realmente, há apenas um Deus, e somente ele é Salvador.

O chamado de Isaías era declarar a glória de Javé, o Deus da salvação.

A quantidade de autores

O presente comentário ensina que houve somente um homem, chamado Isaías (filho de Amoz), que escreveu todas as partes dessa profecia, entre os séculos VIII e VII a.C. Essas profecias foram recebidas ao longo de muitos anos, mas todas elas foram reveladas pelo Espírito por meio de um único autor (citado nos caps. 1; 2; 7; 13; 20; 37; 38; 39). Na erudição moderna, existem aqueles que acreditam que o livro de Isaías foi escrito por múltiplos autores (dois ou três) e que esses diferentes autores podem ter vivido em épocas diferentes e lugares fora da terra de Israel (tais como

⁷ Gleason L. Archer Jr., *A Survey of Old Testament Introduction* (Chicago: Moody, 1994), p. 333.

a Babilônia).⁸ Até o século XVIII, no entanto (com exceção do comentarista judeu do século XII Ibne Esdras), havia uma aceitação praticamente unânime quanto a um único autor. Com o surgimento da teologia histórico-crítica na Alemanha do século XVIII, a unidade da autoria de Isaías passou a ser desafiada com a teoria de múltiplos autores. Os desafios iniciais vieram de eruditos críticos alemães, como (1) Johann C. Döderlein (1746-1792), professor de teologia em Jena, que publicou um argumento defendendo uma data do século VI a.C. para os capítulos 40-66;⁹ (2) Ernst F. K. Rosenmüller (1768-1835), professor de árabe na Universidade de Leipzig, e (3) Bernhard Duhm (1847-1928), de Göttingen, que propôs uma teoria envolvendo a autoria de três Isaías.¹⁰

O principal argumento contra a visão tradicional é fundamentado na rejeição de uma inspiração sobrenatural,¹¹ com a correspondente alegação de que seria impossível para um Isaías do século VIII a.C. fazer predições tão detalhadas sobre o futuro como ele fez (p. ex., a predição de que a Babilônia conquistaria Judá, em 605 a.C., ou a profecia de

8 Para obter um resumo dessas visões, veja Oswalt, *The Book of Isaiah: Chapters 1-39*, p. 17-28.

9 Döderlein argumentava que um Isaías do séc. VIII a.C. jamais poderia ter predito a queda de Jerusalém, em 586 a.C., ou Ciro.

10 Duhm defendia que os caps. 40-55 foram escritos por um “Deutero-Isaías”, por volta de 540 a.C., na região do Líbano, e os caps. 56-66 (“Trito-Isaías”) foram compostos em Jerusalém, na época de Esdras, por volta de 450 a.C.

11 Outras objeções incluem alegadas diferenças de tema, linguagem, estilo ou teologia. Tais objeções não são convincentes, pois contextos históricos distintos, bem como propósitos teológicos variados podem facilmente resultar nas alegadas diferenças.

que Ciro lideraria a Pérsia em sua conquista da Babilônia, em 539 a.C.). Essas objeções liberais têm sido refutadas por eruditos como Carl Paul Caspari (1814-1892), Heinrich Hahn (1821-1861), Franz Delitzsch (1813-1890), Ewald R. Stier (1800-1862) e outros. O presente autor defende a convicção de que Isaías escreveu suas mensagens proféticas sob a direta inspiração do Espírito Santo (cf. 1.1,10,24; 6.1; 7.3,10; 8.1; 13.1 etc.) e que essa inspiração o capacitou a fazer tais predições. Os que acreditam no miraculoso poder de Deus não têm problemas em aceitar a ideia de que tais profecias foram divinamente reveladas.

A unidade do livro

É possível enumerar pelo menos cinco motivos para sustentar a unidade de autoria do livro de Isaías. Primeiro, os antigos escritores judeus sempre defenderam que o livro era uma unidade (p. ex., não há manuscritos conhecidos contendo apenas os capítulos 1-39 e outros com 40-66, ou 40-55 e 56-66). Em segundo lugar, os rolos do mar Morto confirmam a unidade de Isaías. É verdade que um dos rolos de Isaías (1Q Isa^a, datado de c. 150 a.C.) contém um pequeno espaço de três linhas entre os capítulos 33 e 34, mas não há espaços em nenhum outro trecho.¹² Terceiro, outras fontes extrabíblicas apoiam a unidade de Isaías. Por exemplo, Eclesiástico (início do séc. II a.C.) diz: “Por uma poderosa inspiração, ele [Isaías] viu o fim dos tempos

¹² Wolf, *Interpreting Isaiah*, p. 37-38.

e consolou aqueles que choravam em Sião” (48.24). Flávio Josefo (Ant. XI.3-6.1.1-2) escreveu, no final do século I d.C., que Ciro leu as profecias sobre ele em Isaías e desejou cumpri-las. Quarto, é possível encontrar importantes sobreposições de estilo e conteúdo entre os capítulos 1-39 e 40-66. Por exemplo, (1) expressões como “fogo” com relação à punição (1.31; 10.17; 26.11; 33.11-14; 34.9-10; 66.24) e (2) inúmeros outros paralelos verbais notáveis (cf. 1.2/66.24; 1.5-6/53.4-5; 5.27/40.30; 6.1/52.13/57.15; 6.11-12/62.4; 11.1/53.2; 11.6-9/65.25; 11.12/49.22; 35.10/51.11). Quinto, o uso que o Novo Testamento faz do texto de Isaías sugere um único autor (Mt 3.3; 12.17-21; Lc 3.4; Jo 12.37-41; Rm 9.27,29; 10.16,20-21).

A vida pessoal de Isaías

Aparentemente, Isaías tinha uma estreita conexão com a monarquia davídica. Também é possível que fosse da família de Davi e que, igualmente, tivesse acesso aos reis de Judá (7.3; 37.21-22 etc.). Ainda, há indícios de que o profeta tinha um relacionamento próximo com o rei Ezequias e que era muito bem recebido na corte real durante o reinado deste. Isaías também era bem instruído na área de relações internacionais.¹³

Com respeito à sua situação conjugal e à sua família, há questões interpretativas envolvidas, porém parece que Isaías era casado e tinha um filho, mas sua primeira esposa

13 Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, p. 336.

faleceu (com base em 7.3, vemos que Isaías tinha um filho chamado Sear-Jasube, “um remanescente voltará”) e, após ficar viúvo, ele se casou de novo e teve pelo menos um filho com sua segunda esposa. Com base na profecia de que uma jovem virgem iria gerar um filho de grande importância profética (a *almah* de 7.14, que teria um filho chamado “Emanuel”) e a afirmação, em 8.3, de que Isaías teve relações com a profetisa e ela deu à luz um filho profeticamente importante (Maer-Salal-Hás-Baz), parece mais apropriado entender que Isaías ficou viúvo de sua primeira mulher e que se casou uma segunda vez, com uma jovem ainda solteira e virgem (*almah*), ao tempo da profecia de 7.14.¹⁴ Igualmente, vemos que Isaías compreendeu que ele e seus filhos tinham algum tipo de importância profética/tipológica (cf. 8.18). O Novo Testamento estabelece muitas dessas conexões.

A obra extrabíblica *Ascensão de Isaías* registra uma tradição que declara que Isaías foi morto por Manassés, rei de Judá entre 686 e 642 a.C. (iniciando como corregente em 696 a.C.). Essa tradição afirma que Manassés mandou colocar Isaías no interior de um tronco oco e o serrou em dois (cf. Hb 11.37). Uma vez que Isaías registra a morte de Senaqueribe, em 37.37-38 (ocorrida em 681 a.C.), é justo concluir que ele viveu e profetizou até por volta de 680 a.C.¹⁵

14 Wolf, *Interpreting Isaiah*, p. 12-13.

15 Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, p. 336.

Data e contexto histórico

A melhor estimativa para o ministério de Isaías é de que ele ocorreu entre 740 e 680 a.C., um período de grande turbulência para Israel, por causa da apostasia reinante na nação e também do avanço ameaçador do Império Assírio. Pfeiffer observa:

O ponto mais elevado de sua influência política ocorreu no ano crucial de 701 a.C., quando a invasão assíria ameaçava destruir o reino de Judá e remover seus habitantes para a escravidão e o exílio. Por meio de sua intervenção junto a Deus, o terrível perigo foi miraculosamente removido, e os remanescentes do exército de Senaqueribe fugiram.¹⁶

Israel enfrentava dois tipos de ameaças. Uma delas era interior, da própria nação, mas a outra era externa, das invasões inimigas.

Ameaça interior

O versículo inicial do livro de Isaías menciona quatro reis judeus específicos que governaram durante o ministério do profeta.¹⁷ Conforme observado por Martin: “Os reinos

16 Charles F. Pfeiffer, *The Wycliffe Bible Commentary: Old Testament* (Chicago: Moody Press, 1962), p. 605.

17 O ministério de Isaías começou durante a monarquia dividida (divisão ocorrida em 931 a.C.), porém perdurou até após a queda do reino do

desses reis (incluindo as corregências) foram: Uzias (790-739 a.C.), Jotão (750-732 a.C.), Acáz (735-715 a.C.) e Ezequias (715-686 a.C., com uma corregência iniciada em 729 a.C.)¹⁸. Ezequias não era perfeito, mas foi indiscutivelmente um dos melhores reis de Judá. Isaías viveu até o reinado de Manassés (686-642 a.C.), mas, aparentemente, não teve um ministério profético ativo durante seu reinado. Manassés talvez tenha sido o pior rei de Judá. O único raio de luz nesse rei foi um arrependimento tardio em sua vida, que veio após um período de cativo (2Rs 21; 2Cr 33). Embora muitos desses reis tenham demonstrado alguma fé, a falta de confiança completa deles provou ser problemática para a nação. O que a nação realmente necessitava era de um rei sábio que governasse no temor do Senhor. Essa era a única esperança da nação. Essa era também a promessa dada por Deus ao seu povo, um Rei sábio e justo que os libertaria não somente de seus inimigos físicos, mas também de seu próprio e destrutivo pecado (4.2; 7.14; 9.6-7; 11.1; 16.5; 22.22; 55.3).

Os relatos históricos presentes na Bíblia mostram que esse período foi externamente próspero, dada a forte liderança tanto no reino do Sul quanto no reino do Norte (2Rs 15–21; 2Cr 26–33). Durante os reinados de Jeroboão II (782-752 a.C.), no Norte, e de Uzias (768-715 a.C.), no Sul, a economia se manteve forte. Em termos de defesa,

Norte, em 722 a.C.

18 John A. Martin, "Isaiah", *The Bible Knowledge Commentary: An Exposition of the Scriptures*, ed. John F. Walwood e R. B. Zuck, vol. 1 (Wheaton, IL: Victor Books, 1985), p. 1027.

Uzias empreendeu uma vitoriosa campanha contra os filisteus e destruiu algumas de suas cidades principais (2Cr 26.6). Na área do crescimento econômico, esse rei desenvolveu uma rota para caravanas ao longo do Mediterrâneo, além de uma zona portuária importante, em Elate, no mar Vermelho (2Cr 26.2). Uzias também fortificou os muros de Jerusalém (26.9) e comissionou projetos para distribuição de água e postos militares avançados no Neguebe. Apesar dessa prosperidade exterior, aqueles também foram tempos de grande apostasia. A idolatria era crescente, e os pecados sociais de injustiça e opressão estavam desenfreados (2.6-8; 5.8-10; cf. Miqueias, Oseias e Amós).¹⁹

Ameaça exterior

Fora da nação, um breve período de enfraquecimento estrangeiro, na primeira metade do século VIII a.C., permitiu o crescimento e a prosperidade em Israel, mas todo esse quadro estava mudando rapidamente. O poder da Assíria aumentava cada vez mais, levando esse império a avançar na direção do Ocidente. Desse modo, em breve Judá iria enfrentar a ameaça expansionista dos assírios. Durante o ministério de Isaías, a Assíria mostrou ser a ameaça mais perigosa, tanto para Israel quanto para Judá.

¹⁹ Wolf, *Interpreting Isaiah*, p. 18.

O avanço da Assíria rumo ao Ocidente

Tiglate-Pileser III (também conhecido como Pul, 745-727 a.C.) deu início à expansão ocidental do império, conquistando nações e deportando muitos cativos. Quando ele chegou à costa do Mediterrâneo, Menaém, de Israel, pagou-lhe tributo (2Rs 15.19), junto com Rezim, da Síria. Uma coalizão contra os assírios foi formada por Israel e Síria, resultando no ataque desses dois poderes contra Judá, em 735 a.C., por estes não terem se juntado à aliança. O desejo de ambos era derrotar a dinastia davídica e substituir o rei Acaz por alguém leal a essa coalizão contra a Assíria (Is 7; cf. 2Rs 16.2-6, c. 734 a.C.). Apesar dos veementes protestos de Isaías (7.4,16-17; 8.4-8; cf. 2Rs 16.7-9), Acaz pagou tributo a Tiglate-Pileser para receber auxílio contra Israel e Síria. Em 732 a.C., a Assíria invadiu a Síria e Israel e, não muito tempo depois disso, Judá também se tornou uma nação vassala do Império Assírio (2Rs 16.10; 2Cr 28.16,20-22).

O sucessor de Tiglate-Pileser foi Salmaneser V (727-722 a.C.). Pouco é conhecido sobre esse rei, exceto que ele sitiou Samaria durante três anos, após Oseias se recusar a lhe pagar tributo (2Rs 17.3-5). De acordo com os textos de 2Reis 17.6 e 18.9-12, a cidade finalmente caiu diante de Salmaneser, que morreu na época dessa conquista. O seu sucessor foi Sargão II (722-705 a.C.), que acabou recebendo o crédito pela derrota de Samaria (uma inscrição assíria relata a deportação, por esse rei, de 27 290 pessoas). O relato de 2Reis 17 nos revela que, quando Samaria caiu, Ezequias foi tentado a participar de uma rebelião contra

Sargão quando este atacou Gaza, mas Isaías o advertiu quanto a isso (cap. 18). Nesse ínterim, Merodaque-Baladã (721-710 a.C.) estava crescendo em poder na Babilônia com o auxílio de Elão, inimigo da Assíria no Oriente. Sargão batalhou ali contra ele, expulsando Merodaque-Baladã da Babilônia, em 710 a.C., porém o babilônio retornou alguns anos mais tarde, em 703 a.C., recuperando o poder.

O cerco a Jerusalém

Senaqueribe (705-681 a.C.) era o rei da Assíria que atacou Ezequias em 701 a.C., após subjugar a planície filisteia e 46 cidades de Judá (2Rs 18-20). Ezequias fez muitos preparativos contra esse ataque (Is 22.8-11; 2Rs 20.20; 2Cr 32.1-8,30). O *Prisma de Senaqueribe* descreve o cerco que ele estabeleceu contra Judá e Jerusalém enquanto este estava acontecendo.

Quanto a Ezequias, o judeu, ele não se submeteu ao meu jugo. Eu sitiei 46 de suas cidades fortificadas com muralhas, e as inúmeras vilas pequenas nas suas imediações, e as conquistei. [...] Expulsei delas 200 150 pessoas, jovens e velhos, homens e mulheres, cavalos, mulas, jumentos, camelos, gado grande e pequeno, além da conta, considerando-os como espólio. Eu mesmo o tornei prisioneiro em Jerusalém, sua residência real, como um pássaro na gaiola. Coloquei postos de vigilância ao

redor da cidade e devolvi ao seu destino qualquer um que saísse fora do portão da cidade.²⁰

Esse relato assírio reflete o que lemos em 2Reis 18.13, incluindo a derrota que impôs sobre Láquis, descrita nas paredes do palácio em Nínive. A passagem em 2Reis 18.17-37 relata como o enviado assírio lançou mão de guerra psicológica na tentativa de obter a rendição de Judá. Apesar da situação desesperadora, Isaías e Ezequias confiaram no Senhor, que os livrou das mãos de Senaqueribe. Ainda, 2Reis 19.37 nos revela que Senaqueribe foi assassinado por seus próprios filhos: “Certo dia, quando ele estava adorando no templo de seu deus Nisroque, os seus filhos Adrameleque e Sarezer o mataram à espada; depois fugiram para a terra de Ararate. E Esar-Hadom, filho de Senaqueribe, reinou em seu lugar”.

A queda da Assíria

As ameaças dos assírios persistiram até que os medos se uniram a Nabopolassar, da Babilônia, para conquistar Nínive, em 612 a.C. Essa coalizão pôs fim à tirania da Assíria, mas também deu início à ascensão do Império Neobabilônico, que, em 605 a.C., derrotou Judá por meio de Nabucodonosor (cf. caps. 36-39).

20 Wolf, *Interpreting Isaiah*, p. 23-24.

Qual é a lição a ser aprendida em toda essa história?

A principal lição é que Deus exalta as pessoas que confiam nele. Contudo, ele também dá as costas àqueles que se recusam a crer. Por causa de sua infidelidade, Deus permitiu que Israel sucumbisse diante das invasões inimigas, porém essa queda não representa o fim da história. Deus não prometeu apenas o julgamento, mas também jurou que, um dia, restauraria os israelitas no reino messiânico.

Principais temas teológicos e propósitos

Isaías é uma profecia rica em teologia, especialmente profecia messiânica. Como Archer escreveu: “Reflexões cristológicas mais profundas podem ser encontradas em sua obra, mais do que em qualquer outra obra no Antigo Testamento”.²¹

Predições messiânicas diretas e indiretas

Entre essas predições, encontramos: (1) o Rei vindouro (4.2; 7.10-15; 9.1-7; 11.1-16; 14.28-32; 22.15-25; 24.21-25; 32.1-8; 33.17-24); (2) um Conquistador ungido (55.3-5; 61.1-6; 63.1-6); (3) o Renovo (4.1-4); (4) o Fundamento (28.16); (5) o Mestre (30.19-26); e (6) o Servo (42.1-9; 49.1-13; 50.4-11; 52.13-53.12). Isaías também está repleto de profecias sobre o reino messiânico vindouro.

21 Archer, *A Survey of Old Testament Introduction*, p. 333.

Outros temas teológicos

Outros temas notáveis incluem: (1) a santidade de Deus (1.4; 5.16; 30.9-16; 37.23; 48.17-19; 57.15-21); (2) o título de “Santo de Israel” (presente 25 vezes); (3) a soberania divina (6; 24.1-3,23; 37.15-20; 43.8-11; 46.8-11); (4) o ódio de Deus contra o orgulho (2.11-18; 14.12-15; 37.23-25; 47.8-11; 66.1-3) e (5) o ódio de Deus contra a idolatria (cf., p. ex., cap. 44).

O propósito

Como ocorre com a maioria dos profetas, no nível mais básico é possível identificar uma mensagem dupla: (1) a advertência de Deus para Israel abandonar o seu pecado e passar a confiar nele e segui-lo e (2) a promessa divina de que, embora eles fossem enfrentar a experiência de invasão e de exílio, um dia Deus os restauraria, enviando-lhes o prometido Filho de Davi. Tempos terríveis estavam chegando, todavia eles não determinariam o fim da nação. Um dia, Deus enviará o Prometido. O chamado do povo era para acreditar nele.

Resumo e aplicação

A essa altura, podemos sugerir pelo menos duas lições iniciais para serem aplicadas. Primeira, vemos que Deus permanece fiel e que sempre podemos confiar nele. Segunda,

somos lembrados da verdade de que Deus sempre cumpre suas promessas. No fim das contas, a promessa é que Deus eliminará o pecado e a maldição do mundo quando trouxer o seu reino. Sim, neste mundo enfrentaremos aflições (Jo 16.33), mas podemos sempre encontrar descanso na ciência de que Deus utiliza as tribulações e o sofrimento para nos moldar à imagem de seu Filho (Rm 8.29).

Sugestão de esboço

Inúmeros e distintos esboços têm sido propostos para o livro de Isaías. O esboço a seguir fornece um retrato razoável da estrutura. Os esboços dos capítulos apresentados nesta obra são organizados em torno do esboço exegético mais detalhado abaixo, com pequenas variações para criar um melhor fluxo.

Várias mensagens de julgamento (1.1-39.8)

Contra Jerusalém e Judá (1.1-12.6)

O pecado social de Judá (1.1-6.13)

Os maus políticos de Judá (7.1-12.6)

Oráculos de julgamento e de salvação (13.1-23.18)

Babilônia e Assíria (13.1-14.27)

Filístia (14.28-32)

Moabe (15.1-16.14)

Síria e Israel (17.1-14)

Etiópia (18.1-7)

Egito (19.1-20.6)

Babilônia (21.1-10)

Edom (21.11-12)

- Arábia (21.13-17)
- Jerusalém (22.1-25)
- Tiro (23.1-18)
- Redenção de Israel pelo juízo mundial (24.1–27.13)
 - Devastação da terra (24.1-23)
 - Cântico de ação de graças pela redenção (25.1-12)
 - Cântico de ação de graças pela redenção (26.1-19)
 - Punição de Israel e prosperidade final (26.20–27.13)
- Advertências contra alianças com o Egito (28.1–35.10)
 - Ai dos líderes bêbados (28.1-29)
 - Ai dos religiosos formalistas (29.1-14)
 - Ai daqueles que escondem planos de Deus (29.15-24)
 - Ai do exército favorável ao Egito (30.1-33)
 - Ai daqueles que confiam em cavalos e carruagens (31.1–32.20)
 - Ai do destruidor da Assíria (33.1-24)
 - Um clamor por justiça contra as nações (34.1–35.10)
- Narrativa histórica transicional (36.1–39.8)
 - A tentativa de Senaqueribe de capturar Jerusalém (36.1–37.38)
 - A enfermidade e a recuperação de Ezequias (38.1-22)
 - Os emissários da Babilônia a Jerusalém (39.1-8)
- A salvação futura de Deus que virá à terra (40.1–66.24)
 - Libertação do cativo (40.1–48.22)
 - Consolo aos exilados na Babilônia (40.1-31)
 - O fim da miséria de Israel (41.1–48.22)
 - Sofrimentos do Servo (49.1–57.21)
 - A missão do Servo (49.1–52.12)
 - Redenção pelo sofrimento do Servo (52.13–53.12)

- Efeitos da redenção do Servo Sofredor (54.1-57.21)
- Glória futura para o povo de Deus (58.1-66.24)
- Dois tipos de religião (58.1-14)
- Súplica a Israel para abandonar o pecado (59.1-19)
- Futura bem-aventurança de Sião (59.20-61.11)
- Proximidade da libertação de Sião (62.1-63.6)
- Oração pela libertação de Sião (63.7-64.12)
- A resposta do Senhor à súplica (65.1-66.24)



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

MENSAGENS DE JULGAMENTO E ESPERANÇA

O livro do profeta Isaías é a terceira maior obra literária completa da Bíblia, superada apenas por Jeremias e Salmos. Citado 65 vezes diretamente e inúmeras vezes aludido no Novo Testamento, Isaías possui um papel central para o entendimento de toda a Bíblia.

Este comentário acredita que o livro inteiro foi escrito pelo mesmo autor, Isaías, cujo ministério ocorreu provavelmente entre 740 e 680 a.C. e cujo nome – “Javé é salvação” ou “Javé salva” – é uma denominação adequada para um profeta que fala tanto sobre a salvação que Javé traz ao seu povo.

Por que estudar profecias tão complexas e longas? Porque o livro de Isaías é uma profecia rica em teologia, especialmente profecia messiânica. Além disso, podemos aprender duas lições na revelação dada a Isaías: (1) vemos que Deus permanece fiel e que sempre podemos confiar nele; e (2) somos lembrados da verdade de que Deus sempre cumpre suas promessas.

Dividido em duas partes, o presente comentário abordará o conteúdo dos capítulos 1 a 39, que trazem várias mensagens de julgamento da parte de Deus para Israel e as nações vizinhas. Contudo, volta e meio também lemos promessas maravilhosas de um futuro cheio de paz e união.

ISBN 978-65-89505-41-9



9 786589 505419